

*M*inistério

SERVIÇO, OFERTA DE SI MESMO

MINISTÉRIO	Substantivo.
Ministro	Substantivo, adjetivo
MINISTRAR	Verbo
SERVIÇO	Substantivo
SERVIDOR	Substantivo, adjetivo
SERVIR	Verbo

MINISTROS EXTRAORDINÁRIOS DA COMUNHÃO EUCARÍSTICA

Serviço ao Altar
Serviço à Palavra
Serviço aos Enfermos

CARACTERÍSTICAS E EXPRESSÕES

ESPIRITUALIDADE

Oração Celebração Eucarística Maria e José

CONHECIMENTOS TEOLÓGICOS E LITÚRGICOS

CONHECIMENTOS HUMANOS

PRÁTICA LITÚRGICA

DISPOSIÇÃO AO SERVIÇO

ORDEM E DISCIPLINA

COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO

I. CONCEITUAÇÃO DE MINISTÉRIO

A palavra “ministério” significa **serviço**, atividade em função de alguém ou por alguém. Quem exerce um ministério o faz em função de uma organização estabelecida, de uma instituição ou de um grupo específico. Claro que é possível um ministério sem a referência institucional, mas isto não é comum. Um ministério é exercido por pessoas singulares em nome de uma organização maior do que eles e da qual elas fazem parte. Assim, **um ministério e o sujeito que o exerce, um ministro, está vinculado algo maior do que ele, do qual ele é parte constitutiva e representante qualificado.**

Sendo serviço um ministério não é, a princípio, uma fonte de prestígio. Antes e exatamente por ser serviço um ministério é um empenho que exige **dedicação e esforço acima da média**. Um ministério não é um simples emprego, com suas exigências e urgências. Um ministério excede os limites de uma atividade trabalhista, mesmo que tenha também esta dimensão.

Um ministério é exercido por **pessoas**. A quem exerce um ministério dá-se o nome de “**ministro**”. Se “ministério” é serviço, então “ministro” é “**servidor**”. Ele é servidor em dois sentidos:

1. EM RELAÇÃO À INSTITUIÇÃO: O Ministro é servidor primeiro, em relação à **instituição** que representa e **da qual faz parte**.

2. EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS: Depois é servidor em relação **aos que ele deve**, por definição de identidade, **servir**.

Falamos de ministério e ministro em sentido amplo, sem dar aos termos uma conotação eclesial. Agora, aos poucos, vamos entrando neste campo para deixar à mostra a dimensão da qual estamos tratando. O que aqui foi dito a respeito de ministério e ministro vale também, obviamente, para os ministros e os ministérios da comunidade de fé.

3. DIMENSÕES BÍBLICAS E TEOLÓGICAS DOS MINISTÉRIOS

Sendo uma realidade muito presente na Comunidade de Fé, os ministérios devem ser compreendidos dentro de sua **dimensão originária**¹ e de sua **práxis**². Para tanto vamos analisar alguns aspectos que parecem ser fundamentais para a Teologia dos Ministérios. Vamos decompô-la em diversas expressões do processo de criação e evolução dos Ministérios. Abordaremos a Teologia dos Ministérios como sendo Teologia de diversas expressões: da escolha, do chamado, da resposta, da coerência, da perseverança e do martírio. Antes, porém, analisaremos o que significa “Teologia”.

3.1. Teologia

A palavra “Teologia” significa, originalmente, “**discurso sobre Deus**”. Pode também significar “estudo de Deus” ou “estudo a respeito das obras de Deus”. Estes são modos derivados de sentido, surgidos a partir do uso da ciência.

Teologia é ciência, pois tem **método** e **objeto**. Não é uma ciência exata, obviamente, nem pode-se dizer, sem algum limite, que seja uma ciência “humana”, pois ela trata de Deus. Contudo, por observar as **relações entre Deus e os homens**, a busca destes por aquele e Dele pelos homens, então pode-se também classificar a ciência teológica dentro das ciências humanas.

A Teologia, ciência com **método** e **objeto**, não se apresenta de um único modo. De fato, exatamente por ser ciência, a Teologia tem diversas impositações, pontos de apoio e tipos de desenvolvimento que determinam estilos de Teologia ou de

¹ Por dimensão originária entendemos sua origem, os processos de desenvolvimento dos primeiros passos, a evolução e o conceitos que sempre estiveram implícitos.

² “Práxis” significa “prática”, ação concreta, averiguável, compreensível. A palavra práxis é de origem grega. Está presente no título do quinto livro do Novo Testamento: o livro dos Atos dos Apóstolos, que em grego é *práxis ton apóstolon*. No contexto que estamos desenvolvendo trata-se do modo de fazer acontecer os ministérios, as ações concretas, “o que se deve fazer para ser”.

modos de ver as situações que a Teologia aborda e desenvolve. As correntes teológicas, diferentes expressões da única ciência, são frutos do tempo, da genialidade de alguns autores, da conquista de grupos ou comunidades.

3.2. Teologia da escolha e chamado

A Teologia dos Ministérios é, fundamentalmente, a expressão da escolha e do chamado. É uma expressão de relações entre o Deus que chama e o ser humano que responde. Nos textos bíblicos encontram-se diversos passos onde isto é muito claro e indicativo.

A escolha é feita pela Graça e é de modo gratuito. Não há um motivo lógico para a escolha, mas sim o motivo do Dom ser expressão da liberdade absoluta de Deus. Não existe um “cálculo” na escolha, algo como “se haverá lucro no investimento em alguém”... Há simplesmente uma escolha.

3.2.1. Alguns textos

A) Gênesis 12,1–3. A escolha e o chamado de Abraão

O Senhor disse a Abrão: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome. Sê uma bênção!”

B) Êxodo 3,4–6.10. A escolha e o chamado de Moisés

...E Deus chamou do meio da sarça. Disse: “Moisés, Moisés!”. Este respondeu: “Eis-me aqui!” Ele disse: “Não te aproximes daqui. Tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra santa.” Disse mais: “Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó.” Então Moisés cobriu o rosto, porque temia olhar para Deus. (...) “Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel.”

C) Isaías 6,7–8. Escolha e chamado de Isaías

“Vê, isto tocou os teus lábios, a tua iniquidade está removida,

o teu pecado está perdoado.”

Em seguida ouvi a voz do Senhor que dizia:

“Quem hei de enviar? Quem irá por nós?”

Ao que eu respondi: “Eis-me aqui. Envia-me!”

D) Mateus 9,9. Escolha e chamado de Mateus

Indo adiante, viu Jesus um homem chamado Mateus,

sentado na coletoria de impostos, e disse-lhe: “Segue-me!”

Este, levantando-se, o seguiu.

E) João 1,38–39. Escolha e chamado dos primeiros discípulos

Jesus voltou-se e, vendo que eles o seguiam, disse-lhes:

“Que estais procurando?” Disseram-lhe:

“Rabi (que, traduzido, significa Mestre), onde moras?”

Disse-lhes: “Vinde e vede”.

Então foram e permaneceram com ele aquele dia.

Era a hora décima, aproximadamente.

3.2.2. Características

Os personagens bíblicos são a expressão da escolha e do chamado de Deus. Embora não exista uma escolha e chamado igual à outra, existem alguns padrões que estão na base de todas.

A) LIBERDADE DA ESCOLHA — Sendo livre, Deus escolhe e chama de modo também livre. Isto se nota pela improbabilidade de muitas escolhas. As fraquezas de Abraão; a gagueira de Moisés; o pecado e impureza de Isaías; o papel social de Mateus, cobrador de impostos; as “curiosidades” dos primeiros discípulos de Jesus, etc.

B) CAMINHOS DIVERSOS PARA O CHAMADO — Não há um local especial para o chamado acontecer. No caso de Abraão o texto sugere que foi uma experiência interior; em Isaías parece que foi uma visão mística; em Moisés foi uma “teofania”; para Mateus foi um encontro casual com Jesus e uma palavra direta, com uma resposta imediata; para os primeiros

discípulos de Jesus foi a indicação de João Batista e os questionamentos de Jesus.

C) DESCONHECIMENTO DAS CONSEQUÊNCIAS — Nenhum vocacionado (escolhido e chamado) sabe o que lhe acontecerá no futuro. Abraão tinha a Promessa da Terra, da Descendência e do Filho, não a segurança de ter tudo isto. Moisés jamais poderia imaginar que seria o grande líder e maior figura do Antigo Testamento. Isaías não imaginava que seria o Profeta tão grande quanto foi. Mateus e os primeiros discípulos não imaginavam a aventura que iniciavam ao responder o convite de Jesus ao seu seguimento.

D) AMPLITUDE DA MISSÃO — Cada resposta dada na simplicidade de quem foi escolhido e chamado encontra uma série de consequências impensáveis para o vocacionado. Pode-se dizer que ele **perde o controle dos acontecimentos** pois tudo vai além do que ele poderia imaginar e desejar.

3.3. Teologia da resposta e do martírio

As respostas à escolha e ao chamado compõem o rico tema das histórias dos vocacionados. Eles **servem** aos seus contemporâneos conforme as circunstâncias de sua vida e lugar social.

Aqui se insere, na dinâmica da escolha e chamado, a realidade dos Ministérios. Os Ministérios, que são **serviços assumidos** na liberdade da **resposta** a uma **escolha e chamado**, levam a um **testemunho**. Esta palavra, “testemunho”, tem na língua do Novo Testamento, o grego, uma conotação muito expressiva. Lá se diz: “**martírio**”.

Deve-se tomar cuidado para não imaginar que o martírio, neste contexto, seja sempre um ato de morte... “Martírio” é testemunho o que nem sempre implica a vida em sentido estrito. Implica sim arriscar reputação, investir tempo, relativizar compromissos e carregar pesos, suportando contradições.

A Teologia do Martírio é a realidade da **coerência**, da **coragem e perseverança**. Não se faz tudo isto por simples timosia ou por capricho da personalidade. É necessário muito mais.

Em Atos dos Apóstolos Jesus indica o sentido disto:

Atos dos Apóstolos 1,8.

“Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra”.

Talvez a melhor expressão bíblica da resposta e martírio como conseqüências da escolha e do chamado seja a passagem da morte de Estêvão em Atos dos Apóstolos 7,1–60. Estêvão é um dos sete Diáconos escolhidos pelos Apóstolos para o serviço à Igreja. Ele termina por ir além do objetivo de sua escolha e chamado.

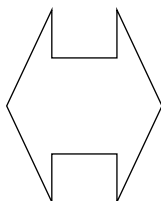
Em um longo discurso que cobre todo o capítulo sete, Estêvão lembra os grandes passos da História indicando em todos a ação do Espírito Santo. E tudo se concentrava na aceitação do que ele indica ser o **Filho do Homem**, isto é, **Jesus Cristo, o Messias Salvador** (Atos 7,55–56).

Aqui encontramos uma relação direta entre o **martírio** como conseqüência da **escolha** e **chamado**, e o que ele vem a testemunhar.

Qualquer vocacionado, isto é, qualquer pessoa que é **escolhida** e **chamada** e que **responde**, deve **testemunhar a Jesus Cristo**. O Ministro, então, que é escolhido e chamado, é o **mártir** de Jesus Cristo. O Ministro tem uma **relação pessoal** com o Senhor Jesus — é isto que o **define**, mais do que a função que ele exerce.



**ESCOLHA
CHAMADO
RESPOSTA**



Jesus Cristo

Em outras palavras: O Ministro pode ser instituído ou ordenado, pode ser jovem ou idoso, com uma grande responsabilidade ou com poucos afazeres... Isto não importa. Pode ser muito competente na sua função ou desenvolve-la com dificuldades físicas e até limites... O que é mais importante **é a relação pessoal que ele estabelece com Jesus Cristo.**

A honra do Ministro e sua qualidade não são possíveis de quantificação, mas sim **elas são qualificadas na intensidade do encontro.** Este encontro é uma experiência mística, mas é também um conjunto de expressões que demonstram a verdade das ações.

Isto tudo é muito expressivo no caminho do Ministro: ele se vai encontrando cada vez mais identificado com o Cristo Jesus nos Sinais Sacramentais que vivencia.

**A Teologia dos Ministérios
nasce do Batismo, é confirmada pela Crisma e
alimentada pela Eucaristia,
Palavra e Memória do Senhor.
A Teologia dos Ministérios
é a Teologia do Corpo Místico de Cristo**

Não existe um Ministério que se recebe sozinho e que se vive na solidão da consciência. Isto é extremamente subjetivo e foge ao modo da ação do Espírito que determina sempre algo em favor de alguém.

O que existe é uma maior profundidade na experiência do Ministro, cada vez que ele se identifica mais com o Senhor.